

4ª Parte

Prosa de Ficção

ALGO DIFERENTE

Pádua Lopes

Era início da noite de uma segunda-feira, perto do horário em que seria celebrada, na capela do bairro, a missa de sétimo dia pela morte de um amigo. Os membros da família lutuosa se posicionaram com antecedência, de acordo com o cerimonial, na primeira bancada, na ala direita da nave. Os parentes e amigos, que chegavam aos poucos, iam logo apresentar condolências às três filhas, que estavam sentadas, e aos dois filhos que se mantinham de pé. Aos mais íntimos os enlutados davam abraços e com uns se comoviam às lágrimas.

A cerimônia religiosa não começara, pois ainda faltavam dez minutos para a hora marcada no convite. Enquanto isso, as moças do cerimonial conferiam os serviços e davam os últimos retoques na ornamentação do altar e nos arranjos florais espalhados pelos bancos destinados aos assistentes. Para os convidados que não o retiraram de uma mesinha na entrada da capela, uma moça distribuía o livreto do acompanhamento da missa, com as mensagens fúnebres e as fotografias da vida do morto. Outra moça, sobraçando uma porção de rosas brancas, distribuía os ramos aos membros da família e, depois, aos que os solicitavam.

Entoam o músico e a cantora o hino preparatório da missa e, muito apressado, um homem se coloca diante do altar com o livreto na mão direita e o ramo de rosa branca na mão esquerda. Faz uma genuflexão perante o sacrário, dirigindo-se a seguir, com intimidade, às filhas e aos filhos do morto. A entrada simultânea do sacerdote o obriga a encurtar as efusões da consternação e a procurar um assento. O homem se acomoda na fileira da minha frente e passo a vê-lo de lado pelas costas. Impossível não olhar para essa figura, embora com a discrição devida. No seu aspecto insólito, a peruca chama a atenção primeiramente. Esse objeto de múltiplas utilidades, quem opta por usá-lo, seja qual for o motivo, procura compatibilizar o modelo com o formato da cabeça para disfarçá-lo e parecer o mais natural possível.

Esse homem age ao contrário: realça o objeto postíço com uma cabeleira negra que cobre apenas a parte de cima da cabeça. Atrás e nas laterais, o couro cabeludo está descoberto e escorregam, aqui e acolá, ralos fios brancos acinzentados que traem a calvície da parte superior. A peruca, provavelmente de fios de plástico, haverá de ter sido fabricada tomando como molde uma cuia de coco.

Que dizem daquela peruca a sua mulher, os seus filhos, se ele os tem? Os amigos não o criticam ou o levam na troça? A imagem também chega a sugerir a peruca dos palhaços de circo, mas ali está um cidadão sério, compenetrado, que acompanha a liturgia da missa, responde as orações, depõe o ramo de rosa no jarro, colocado no degrau abaixo do altar e recebe a hóstia na comunhão dos fiéis.

As rugas, as pregas do rosto e do pescoço permitem calcular a idade dele em mais de sessenta anos. Tem estrutura física forte e altura acima da média, mas a barriga proeminente lhe confere peso adicional e uma deformidade na postura. A camisa, escura, com desenhos geométricos brancos, está com as mangas arregaçadas no antebraço. Por baixo dessa camisa pende uma corrente grossa, de prata ou aço, que sai do bolso da calça e sobe para a cintura. Sobre uma botina desbotada, de grosso solado de borracha, cai folgadoamente a calça, com o comprimento reduzido por uma dobra manual na barra. A deselegância não rompe as balizas da normalidade nem se deveria sequer tratar de tal matéria em princípio irrelevante. Contudo, aquele mau gosto levou a me fixar nessa pessoa com o vestuário em dissonância com o público na capela. Terminada a celebração religiosa, jamais a revi.

Meses depois, me encontro no supermercado com a filha mais velha do morto e, na conversa que entabulamos a respeito do seu saudoso pai, me lembrei de indagá-la sobre aquele homem de peruca que compareceu à missa de sétimo dia.

- Você o achou esquisito, não foi? Na verdade, ele é uma pessoa incomum, mas estamos habituados com as suas excentricidades; não as levamos mais em conta. Ele é um desmazelado autêntico, o que não impede de merecer a consideração de minha família em vista de ter sido amigo de meu pai.

Por iniciativa própria, ela me resumiu com gesticulação expressiva a história daquele homem, principiando por afirmar que ele assume, sem inibição, o seu jeito peculiar de ser ou a sua personalidade diferenciada.

- Está longe de ser maluco, tem o juízo perfeito e é capaz de entreter uma conversa humorada em roda social. Porém, de gênio melindroso, não aceita ser contrariado nem nas ideias nem no modo de ser. Não agride, mas se exalta, se retira acintosamente e evita falar desde então com o indivíduo que o teria destrutado. Químico de profissão, exerce um cargo técnico no governo, gozando da reputação de ser um especialista qualificado. Complementa sua renda com serviços que presta para empresas privadas, pois engendra soluções inteligentes para os problemas. Meu pai, que o conheceu desde jo-

vem, quando ainda exibia uma espessa cabeleira natural, contava que ele gostava de fazer coisas diferentes. Desentenderam-se os dois algumas vezes, mas reataram a amizade. Os desconhecidos caçoam dele pela desarmonia do traje e pela peruca ridícula, mal ajustada. Ao que retruca sem contemporização que a cabeça é dele e põe nela a peruca que quiser. Os amigos deixaram de importuná-lo. Depois de tanto tempo, não admiram a peruca que usa no dia, pois os tipos variam dentro do mesmo padrão estético ou antiestético, como queira.

Despertada minha curiosidade, perguntei se ela tinha informação sobre a vida amorosa desse homem.

- Ele se casou com uma mulher bonita e elegante de quem se divorciou depois do nascimento de uma filha. Não se sabe exatamente o motivo da separação. Mas outras namoradas que ele teve posteriormente – e não foram muitas – se queixaram das manias horríveis de tolerar. Uma delas é de ter tudo no canto certo e tudo muito limpo. Nada pode estar sujo ou desarrumado, nem no banheiro, nem na sala, nem na cozinha, sob pena de reclamação ou de briga. Outra coisa: a casa está entupida de gavetas e compartimentos para que nenhum objeto, absolutamente nenhum, fique fora de lugar ou se perca. Para prevenir enganos, a maioria dos compartimentos tem etiquetas informando o seu conteúdo. Esse cuidado meticuloso deve ser um vício decorrente de sua atividade de químico; alguém que não pode errar na manipulação das substâncias nem trocar as quantidades, pelo perigo de causar um desastre. Com tantos hábitos complicados e restritivos, o relacionamento se desgasta. Haja paciência! A duração de um casamento assim só pode ser curta.

A mulher, que estava na companhia de minha interlocutora e havia nos deixado a sós, por um momento, a chama para irem fazer compras noutra seção da loja. Então, minha interlocutora fala em voz baixa, aproximando o rosto do meu ouvido, para segredar uma opinião reservada só para mim.

- É espantoso o contraste desse homem tão desleixado com a aparência pessoal ser, ao mesmo tempo, excessivamente organizado no recinto doméstico. O caso merece inclusão no rol dos mistérios da natureza humana.

Na despedida, trocamos como amigos dois beijos protocolares nas faces.

Saio do supermercado para abastecer o automóvel num posto de gasolina. Enquanto aguardo a bomba operar a transferência do combustível para o tanque do veículo, um jovem, que eu mal conhecia, caminha ao meu encontro em passo ligeiro. Depois

de me dizer qualquer coisa que não recordo, ele desabotoa a camisa para mostrar com orgulho o peito, os ombros e o pescoço com arranhões à unha e hematomas espalhados. O jovem pisca o olho para mim sorrindo com o ar cúmplice.

- Tudo isso foi feito por minha namorada.

- O que você fez de tão grave para receber essas agressões; foi briga de casal?

- Você não conhece os sentimentos de uma mulher: isso é amor; muito amor! Minha namorada teve um acesso de ciúme e ciúme significa que ela me ama. Essas marcas (e abre a camisa de novo) são a prova de seu amor; as minhas feridas são provas de que sou muito amado. Entendeu, não?

Ele debocha da minha incredulidade; e vai embora tão rápido quanto apareceu.

Ao chegar a casa no começo da noite, depois do trabalho, a minha mulher nem me deixa sentar. De dedo em riste, me acusa de ter estado em intimidade de amante com uma mulher bonita no supermercado. Ela diz que uma amiga, de muita confiança e que não tem costume de exagerar, teria me flagrado trocando beijos e carícias com tal mulher desavergonhada. Procuro lhe esclarecer que a mulher não era uma namorada, muito menos, uma amante; era a filha de um amigo meu que morrera. Eu fora à missa de sétimo dia e apenas conversava com ela para comentar acerca de um homem com uma peruca extravagante que estava presente na capela.

Minha mulher solta uma risada irônica, quase sinistra, me encarando com olhos furiosos. Pergunta-me se eu a considero uma imbecil para acreditar nessa história do homem da peruca. Em vão, debulho argumentos de defesa. Já está previamente decretado meu veredicto. Nessa noite, durmo solitário no sofá da sala. Insone, me indago repetidamente se esse ciúme injusto também seria prova de amor... Depois de meditar bastante, admito que sou um tolo de verdade: não consigo ver amor na reação da minha mulher.

Adjacente ao prédio da agência de turismo, existe um jardim onde muitas vezes me sento para espairecer do trabalho de atendimento ao público, reparando na atividade dos pássaros e dos insetos na área verde. Nesta manhã, revejo um bem-te-vi que quase sempre aparece e, em vez de cantar, se ocupa em trançar laboriosamente um ninho na armação abaulada e lisa de uma luminária metálica, afixada no muro junto ao canteiro de flores. O pássaro pousa no chão, escolhe um graveto e arremete em direção da luminária; o quarto e o quinto gravetos não se encaixam mais e o projeto de ninho desaba.

Deixo de contar as tentativas seguidas para estruturar o ninho. O bem-te-vi desiste enfim e voa para outro lugar, que não vejo, mas escuto ao longe o seu alegre canto característico.

Contemplando essa cena do instinto animal, com o espírito magoado pelo açoite verbal do ciúme, me ocorre a ideia de escrever roteiro de filmes de mistério para a televisão; uma maneira psicológica de decifrar os enigmas humanos botando para fora o que se esconde no meu íntimo. Será um voo cego em busca de fazer algo diferente, talvez construir um ninho impossível, mas cuidando para que o meu esforço não seja interpretado como uma peruca extravagante demais.